

MUSA

museus, arqueologia & outros patrimónios



Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal

Setúbal, 2004

1

MUSA

museus, arqueologia & outros patrimónios

**Volume 1
Setúbal 2004**

**FIDS & MAEDS
Autarquias do Distrito de Setúbal**

Ficha Técnica

Edição

Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal (FIDS) e Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS)

Direcção

Victor Borrego (Presidente da Assembleia Distrital de Setúbal)

Coordenação Editorial

Joaquina Soares

Conselho Científico

António Nabais
Carlos Tavares da Silva
João Luís Cardoso
Mário Canova Moutinho
Mário Varela Gomes
Victor S. Gonçalves
Vitor Serrão

Conselho Redactorial

Antónia Coelho-Soares
Fátima Contramestre de Almeida
Fernanda do Vale
Germesindo Silva
João Carlos Faria
Luís Ferreira
Maria Graça da Silveira Filipe
Maria Rosa Peralta Sousa Silva
Maria Teresa Rosendo
Miguel Correia
Teresa Rosa Gomes da Cruz Silva

Secretariado e correspondência



Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal
Av. Luisa Todi, 162; 2900-451 Setúbal (Portugal)
Telefs - (351) 265239365/265534029; Fax - (351) 265527678
Email - maeds@mail.telepac.pt

Capa

Fotografia inédita, de autor desconhecido, propriedade do MAEDS.
Cais da Torre do Outão, com hiato de Setúbal, 1908.

Execução gráfica

Ana Paula Covas
António Caetano de Campos Ramos
Jan van Krimpen

Impressão e acabamento

Impripal Artes Gráficas, Lda. - www.imprupal.com

Depósito Legal n.º

221991/05

ISSN

1646-0553

Tiragem

1400 exemplares

Nota de Abertura

É com inegável prazer que anuncio a publicação da revista *MUSA*, em atenção ao seu valor intrínseco, enquanto repositório de importantes artigos, originais, sobre o património cultural do Distrito de Setúbal, aqui abordado na dupla vertente da investigação e da divulgação.

Igualmente importante é o valor simbólico da *MUSA*, uma vez que revela a capacidade do Poder Autárquico da região em encontrar consensos e pontes de diálogo, ao serviço da cooperação supramunicipal.

De facto, é crescente a consciencialização colectiva sobre a necessidade de reforçar a acção intermunicipal nos domínios da cultura, do ambiente, da educação, da saúde, do turismo. Precisamente nesta lógica, se enquadra o papel da Assembleia Distrital de Setúbal e nesse âmbito a edição da presente publicação.

A revista *MUSA* é, em grande parte, suportada pelo funcionamento do Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal, o qual configura a primeira rede de museus de carácter regional a surgir no país e cujo exemplo espero que frutifique.

A presente publicação constitui um desafio ousado, pelo esforço e dedicação que pressupõe e congregou o entusiasmo de muitos especialistas nas questões da cultura e do património, que em boa hora elegeram o Distrito de Setúbal como campo de estudo; para eles vão as minhas saudações e agradecimento.

Desejo, igualmente, agradecer os apoios que alguns parceiros institucionais e sócio-económicos disponibilizaram para esta iniciativa e, finalmente, fazer votos para que a *MUSA* vá ao encontro dos interesses da Comunidade Distrital e a possa também inspirar.

O Presidente da Assembleia Distrital de Setúbal

Victor Borrego

Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal – FIDS

Integrado por:

- + Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Assembleia Distrital de Setúbal
- + Museu Municipal de Alcácer do Sal/Câmara Municipal de Alcácer do Sal
- + Museu Municipal de Alcochete/Câmara Municipal de Alcochete
- + Museus Municipais de Almada/Câmara Municipal de Almada
- + Serviços Culturais/Câmara Municipal do Barreiro
- + Serviços Culturais/Câmara Municipal de Grândola
- + Departamento de Acção Sociocultural/Câmara Municipal da Moita
- + Museu Municipal de Montijo/Câmara Municipal de Montijo
- + Museu Municipal de Palmela/Câmara Municipal de Palmela
- + Museu Municipal de Santiago do Cacém/Câmara Municipal de Santiago do Cacém
- + Ecomuseu Municipal do Seixal/Câmara Municipal do Seixal
- + Museu Municipal de Sesimbra/Câmara Municipal de Sesimbra
- + Museus Municipais de Setúbal/Câmara Municipal de Setúbal
- + Museu Municipal de Sines/Câmara Municipal de Sines

Patrocínios

Administração do Porto de Sines



Fundação para a Ciência e Tecnologia



Região de Turismo de Setúbal - Costa Azul



A revista *MUSA* surge, essencialmente, em resultado da dinâmica do Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal, plataforma de debate das questões do património, abordadas a partir dos museus. Sem regulamentos prévios, deixando que a realidade concreta se espelhe na acção e oriente o rumo do FIDS, constrói-se o percurso, caminhando. Não se procura a homogeneidade, antes se aposta na diversidade, na diferença, na crítica. As vozes críticas obrigam à reflexão, mas supõem também firmes princípios de cooperação e solidariedade. Com base nas muito diversas posturas sócio-ideológicas, foi possível avançar com o presente projecto editorial de forma inclusiva, com a participação de todos os concelhos do Distrito de Setúbal, e este é o aspecto que mais valorizamos, porque mostra a capacidade que a região possui para se associar em torno de projectos de interesse comum, e particularmente de vocação cultural.

Este volume possui, evidentemente, um carácter experimental; o próximo será provavelmente melhor estruturado. Tentou-se conciliar o inconciliável, ou talvez não, quando se assumiu a publicação de originais de carácter científico, resultantes de projectos de investigação, e de textos de divulgação, acessíveis a um grande público. O propósito de servir esse vasto público interessado nas áreas do património, museologia e arqueologia, na dupla perspectiva da divulgação e da produção de novos conhecimentos, confere à revista um interesse duradouro.

A *MUSA* encontra-se organizada em várias secções, fisicamente delimitadas no corpo da revista, para melhor orientação dos leitores; a sua temática centra-se nas diversas modalidades do património cultural (procurou-se, aliás, reunir textos reveladores dessa abrangência); mostra-se aberta à colaboração de especialistas nos domínios atrás referidos; a sua geografia, de partida ou de chegada, deverá ser o Distrito de Setúbal; a base autárquica em que a revista assenta não pode, no entanto, ser confundida com autarcia e o campo geográfico de incidência da revista deve ser entendido de forma flexível; textos teóricos, sem um suporte territorial determinado, terão o melhor acolhimento.

Parece-nos razoável apostar em uma periodicidade anual. Os prazos de entrega de textos e de revisão de provas terão de ser objecto de calendarização; as normas de publicação são disponibilizadas desde já, no final deste volume. Da periodicidade da revista resulta que a agenda cultural, conforme a tínhamos pensado no início deste processo, poderá não cumprir, integralmente, os seus objectivos de informação atempada; terá pois de sofrer apreciáveis melhoramentos, destinando-se sobretudo a anunciar realizações programadas com muita antecedência e/ou à produção de reflexões e opiniões sobre eventos culturais ocorridos ou não no Distrito.

A Coordenadora Editorial

Joaquina Soares

Índice

Museus	9
Mário Canova Moutinho <i>Os Compromissos dos Museus com a Sociedade</i>	11
António Nabais <i>Museu-oficina de Artes Manuel Cargaleiro. Quinta da Fidalga (Seixal)</i>	15
João Carlos Faria <i>Alcácer do Sal: páginas de história, a história de um museu</i>	19
Elsa Afonso e Paula Costa <i>Museu Municipal de Alcochete. Um museu em desenvolvimento</i>	23
Ângela Luzia e Maria Rosa Silva <i>Almada - apontamentos para a história de uma cidade</i>	28
Germesindo Silva <i>Museu Mineiro do Lousal. Espaço de encontro e cultura</i>	40
Maria Teresa Rosendo <i>O Museu Municipal de Palmela apresenta-se</i>	44
Graça Filipe <i>Antecedentes da criação de um museu no concelho do Seixal. Das ideias e acções anteriores a 1974, à emergência de um projecto cultural e do museu municipal</i>	51
Luís Jorge Rodrigues Gonçalves <i>Museu Municipal de Sesimbra. Programa de desenvolvimento</i>	61
Antónia Coelho Soares <i>Um projecto museológico para Sines</i>	67
Joaquina Soares <i>Museu/Museus. Operacionalizar funções</i>	75

Arqueologia	81
Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares <i>Intervenção arqueológica no sítio neolítico de Brejo Redondo (Sines)</i>	83
Antónia Coelho Soares e Carlos Tavares da Silva <i>Novas oficinas de produção de preparados piscícolas na área urbana de Sines. Intervenção arqueológica na Rua Ramos da Costa</i>	111
Eurico Sepúlveda <i>Os Murrii. Oleiros tardo-italicos</i>	123
Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares e Susana Duarte <i>Preexistências de Setúbal. Intervenção arqueológica na Rua António Maria Eusébio, 85-87</i>	137
Outros Patrimónios	153
T.M. Azevêdo, M. Abreu e A.M. Galopim de Carvalho <i>Uma vez mais a Pedra Furada</i>	155
Vitor Serrão <i>O mestre do retábulo da Igreja da Misericórdia de Almada (1590): O pintor Giraldo de Prado</i>	161
Vanessa de Almeida <i>Mausoléu de Alfredo da Silva</i>	176
Marisol Aires Ferreira <i>Património construído da aldeia de Melides</i>	181
Teresa Rosa Silva <i>Os recursos da Borda d'Água no contexto sócio-económico do Tejo</i>	186
Fátima Contramestre de Almeida <i>Contributo para um Guia do Arquivo Histórico Municipal de Montijo</i>	193
José Matias <i>Património molinológico do concelho de Santiago do Cacém</i>	200

Recensões, Publicações e Informações	213
Mário Varela Gomes <i>“Mais um escalpe no meu cinto”. A propósito de “Os Hipogeus Pré-Históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as Economias do Simbólico”, de Joaquina Soares</i>	215
Susana Duarte <i>Ler Arqueologia e Património na biblioteca do MAEDS. Títulos inventariados em 2003</i>	219
Câmara Municipal de Alcácer do Sal	229
Câmara Municipal de Alcochete	230
Câmara Municipal de Almada	231
Câmara Municipal do Barreiro	233
Câmara Municipal de Grândola	235
Câmara Municipal da Moita	237
Câmara Municipal de Montijo	239
Câmara Municipal de Palmela	241
Câmara Municipal de Santiago do Cacém	244
Câmara Municipal do Seixal	245
Câmara Municipal de Sesimbra	249
Câmara Municipal de Setúbal	251
Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Assembleia Distrital de Setúbal	253

Museu Mineiro do Lousal

Espaço de encontro e cultura

GERMESINDO SILVA*

RESUMO

O início da exploração da mina do Lousal, nos finais do século XIX, deu origem a um amplo complexo industrial, e a uma povoação que chegou a ter cerca de duas mil pessoas. O encerramento da mina, em 1988, fez temer uma rápida desertificação e degradação ambiental. Para fazer face à situação, a SAPEC e a Câmara Municipal de Grândola aprovaram um Projecto de Desenvolvimento que visa transformar o Lousal num espaço turístico e cultural de referência. No âmbito deste Projecto, o Museu Mineiro assume uma importância cultural, científica e pedagógica, única no país.

A aldeia do Lousal situa-se no extremo sudeste do concelho de Grândola, na freguesia de Azinheira de Barros, a poucos quilómetros da auto-estrada e do IC1, e a 12 km da saída Grândola Sul da A2, as principais vias Lisboa - Algarve. Por sua vez, a concessão mineira que deu origem à povoação estende-se por mais de 200 hectares, limitados a este pela Linha Ferroviária do Sul, a norte pela ribeira do Espinhaço de Cão e a sul pela ribeira de Corona. Localiza-se, portanto, na chamada faixa piritosa ibérica, que se prolonga por cerca de 250 quilómetros, do Vale do Sado ao Vale do Guadalquivir (próximo de Sevilha). Contrastando com o espaço rural envolvente, onde predomina o montado de sobro e azinho, a paisagem do Lousal é dominada pelas instalações e escórias do complexo mineiro. Possui, além destes elementos, um património arquitectónico, arqueológico e natural, que fazem do local um ponto turístico digno de ser visitado.

Habitado pelo menos desde o Neolítico, este território tem sido objecto de permanência humana,

ABSTRACT

The exploration of the Lousal Mine, late 19th century, gave birth to a vast industrial complex and a settlement of a two thousand inhabitants in its heydays. In 1988 the shutdown of the mine lead to the fear of desertification and rapid decay of the surrounding environment. To put a hold to this situation, the SAPEC and the Municipality of Grândola initiated a project to turn Lousal into a location of cultural and touristic importance. Within this project the Mining Museum, unique to this country, fulfils a cultural, scientific and pedagogical function.

mais ou menos continuada, ao longo dos últimos oito mil anos. Possui várias sepulturas megalíticas, que foram objecto de escavações arqueológicas, e também vestígios de um fortim e de sepulturas da época Romana. Por volta de 1385 foi integrado na comenda de Grândola e, cerca de 1544, passou a integrar a freguesia dos Bairros e o concelho de Grândola. Até aos finais do século XIX, a reduzida população vivia em montes dispersos, e tanto o seu aumento como a sua diminuição ficaram a dever-se às vicissitudes da exploração mineira. Se não fossem as minas, dificilmente teria existido a aldeia do Lousal.

AS MINAS

A descoberta oficial do 1.º jazigo no Lousal foi feita por um lavrador da região, de nome António Manuel, em 1883 e, nos anos seguintes, surgiram outros concessionários que iniciaram, de forma irregular, a extracção de minério. De referir que, em

* Investigador de história regional e assessor da Câmara Municipal de Grândola.

1911, a exploração mineira estava nos primórdios, e a população do Lousal não ia além dos 167 moradores.

Após um período marcado pela desistência e venda de direitos por parte de concessionários, surgiu a SAPEC que, através da empresa *Mines et Industries*, criada em 1936, deu um decisivo impulso à exploração de minério. Das minas extraía-se, essencialmente, pirite, um sulfureto com alto teor de enxofre, utilizado na produção de ácido sulfúrico e na fabricação de adubos agrícolas (superfosfatos) destinados aos mercados interno e europeu. Devido ao aumento da procura de minério, a que não foram alheias a 2.ª Grande Guerra, e a produção de adubos por parte da CUF (do Barreiro), e da SAPEC (em Praias do Sado - Setúbal), a exploração intensificou-se.

Única proprietária dos terrenos e das edificações, a SAPEC efectuou fortes investimentos, que alteraram radicalmente a fisionomia do complexo mineiro e a paisagem social. São deste período os edifícios de

tijolo e ferro, de diferentes dimensões e características, designadamente as casas das máquinas e dos malacates, a central eléctrica, os fornos de ustulação, o de trituração de minério, o paiol de explosivos, as oficinas, os escritórios, etc. No âmbito desta transformação, foram construídos os bairros operários, em banda, para alojamento dos mineiros e de suas famílias. Foram, também, construídas várias moradias para administrativos e técnicos, inspiradas na traça do arquitecto Raul Lino, e uma casa de direcção.

O apogeu da actividade extractiva registou-se entre as décadas de 40 e 60, motivado pelo aumento das cotações e da procura de minério, que contribuíram para a introdução de novas tecnologias e para a alteração do número de trabalhadores. Nos finais dos anos 50 e inícios de 60, acentuou-se a mecanização, com a introdução de pás carregadoras e camiões pneumáticos autotransportadores. Com tudo isto, o Lousal, que em 1940 já tinha 1273 habitantes, atingiu, vinte anos depois, cerca de dois mil. Para res-



Fig. 1 - Vista panorâmica da mina.

ponder às necessidades da população, foram construídos mais bairros e uma casa de saúde, uma farmácia, um posto médico, uma escola, uma igreja, estabelecimentos comerciais, um salão de festas, e outros equipamentos sociais.

O NOVO LOUSAL

Com o encerramento das minas, em Maio de 1988, o tecido económico e social do Lousal sofreu um forte impacto, que teve profundos reflexos na vida da população e na paisagem.

Além de se terem acentuado alguns índices de degradação social, houve uma progressiva redução no número de habitantes e, em 1991, foram apenas recenseados 679. As infraestruturas, as instalações e os equipamentos entraram em rápido declínio, e o espectro da desertificação e do abandono ameaçou a existência da povoação. Para fazer face a esta situação, o antigo proprietário das minas e o município de Grândola resolveram unir esforços e criaram a *Fundação Frederic Velge*, sob cujos auspícios foi elaborado o *Projecto de Desenvolvimento Integrado de Redinamização do Lousal*.

Visando vários objectivos, o *Projecto* em causa, de grande envergadura, propôs-se mudar a face do Lousal, e transformar o complexo mineiro num espaço turístico e cultural de referência. Para concretizá-lo, foi definido um amplo programa de realizações, que contempla a criação de um Museu Mineiro poli-nucleado, a recuperação das estações arqueológicas, um Centro de Artesanato, um restaurante, um empreendimento hoteleiro e um aldeamento turístico (com capacidade para 900 camas), espaços de lazer, etc. A parte social também não foi descurada e, além da realização de acções de formação profissional e de incentivos à criação de micro-empresas, estão em fase de elaboração vários projectos para melhorar as condições de vida da população. Entre eles são de salientar: o plano de urbanização, a reabilitação arquitectónica dos edifícios de habitação, a transmis-



Fig. 2 - Malacate.

são do título de propriedade para os residentes, a requalificação urbana dos espaços públicos e a remodelação da rede viária.



Fig. 3 - Centro de Artesanato.



Fig. 4 - Artesã, pintando um típico prato de cerâmica regional.

O MUSEU MINEIRO

Convidada a dar o seu apoio, a Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial (APAI), encarregou-se de desenvolver um *Projecto de Musealização da Mina do Lousal*, tendo para isso elaborado um *Programa Museológico*, que ficou concluído em 1998. A concretização deste *Programa*, a efectuar por fases, passa pela realização de múltiplas actividades, com maior ou menor incidência nas áreas cultural, científica e pedagógica. Além da recuperação de edifícios e equipamentos, o objectivo é o de tornar visitáveis os espaços físicos, e mostrar as várias componentes e etapas das histórias mineira e geológica. Outro objectivo é o de mostrar os aspectos sociais e humanos da vida e do universo dos mineiros, numa paisagem recuperada e preservada.

Após a recuperação da Central eléctrica e a criação de um Centro de Interpretação (dotado de recepção,

anfiteatro e loja) foi, em Maio de 2001, inaugurada a primeira fase do Museu Mineiro. Além destas realizações (e também de um centro de artesanato e um restaurante), outras se irão seguir. Uma das mais importantes será, seguramente, a “*Descida à Mina*” - *Centro de Ciência Interactiva do Lousal*. Em fase de projecto, este Centro irá abranger as três zonas fundamentais do complexo: as galerias (no subsolo), a corta (extracção e escombrecas), e as instalações de trituração, nas imediações dos poços principais. A cada um

destes espaços, autónomos mas interligados, corresponderá um percurso de visita: Superfície; Descida à Mina e Corta.

Projecto pioneiro, de carácter social, económico e cultural, a musealização do complexo mineiro do Lousal irá não só contribuir para o desenvolvimento regional, mas também para dotar o país de uma infraestrutura que há muito se justificava.



Fig. 5 - Central eléctrica.